



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**AMANDA GONZAGA DE LIMA**

**LITERATURA NA SALA DE AULA: O QUE DIZEM OS ALUNOS**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**AMANDA GONZAGA DE LIMA**

**LITERATURA NA SALA DE AULA: o que dizem os alunos**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia do  
Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de  
Campina Grande, Campus de Cajazeiras, sob a orientação da Profª  
Idelzuite de Sousa Lima.

---

**CAJAZEIRAS-PB**

**2009**

---



L7321 Lima, Amanda Gonzaga de.  
Literatura na sala de aula: o que dizem os alunos /  
Amanda Gonzaga de Lima. - Cajazeiras, 2009.  
30f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Literatura de cordel. 3.  
Textos literários. I. Lima, Idelzuite de Sousa. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 82.93

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me ajudado até aqui e feito milagres na minha vida.

A minha família que também sempre me ajudou e me deu apoio durante esse curso.

Aos meus amigos, a todos os meus professores e em especial à minha orientadora Idelzuite Lima pela sua dedicação, preocupação e ajuda durante todo trabalho.

“O indivíduo é o que ele faz de si mesmo durante sua existência, e somente a história pessoal explica a natureza de cada um.”

Regina Zilberman

## **Resumo**

O presente trabalho sobre Literatura apresenta resultados de uma pesquisa realizada com os alunos do quinto ano do Ensino Fundamental. A pesquisa teve como objetivos, identificar a visão dos alunos sobre a literatura trabalhada na escola e a contribuição dos textos literários para o desenvolvimento escolar dos alunos. O procedimento metodológico teve como base uma pesquisa de campo, numa perspectiva qualitativa. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário, com questões objetivas e subjetivas. Os dados foram analisados com base nos estudos de Zilberman (1994); Antunes (2007); Carvalho (1974) entre outros. Os resultados mostram que a maioria dos alunos tem pouco envolvimento com literatura infanto-juvenil, conhecem poucos gêneros textuais, inclusive a literatura de cordel, além de apresentarem limitações sobre a compreensão dos textos lidos.

**Palavras chave:** Literatura infantil. Literatura de cordel. Alunos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>8</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4. A LEITURA DOS ALUNOS.....</b>	<b>15</b>
<b>5. ANÁLISE DO ESTÁGIO.....</b>	<b>26</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil pode possibilitar à criança o cultivo às emoções e a uma realidade fantasiada através do encantamento dos textos. Ela conduz o ser humano a compreender o seu universo e também contribui para o desenvolvimento global da criança, através do seu caráter lúdico educa a criança divertindo-a e informa o adulto.

Através da literatura a criança poderá, de algum modo, relacionar as informações contidas no texto literário com o seu mundo real. Essa literatura retrata de alguma forma a realidade do leitor e trata de assuntos que tem significado para ele despertando no leitor o prazer de ler. É possível afirmar também que ela comunica, amplia vários aspectos, é fonte de reflexão pessoal, de espírito crítico e torna o leitor diante do mundo um ser mais crítico.

A literatura de cordel é uma literatura popular narrada em versos, que pode ser trabalhada na escola como recurso à leitura e compreensão de textos.

A escolha do tema "Literatura" é decorrência do meu conhecimento acerca da aprendizagem inicial da leitura através da literatura de cordel e da realidade que envolve a prática de leitura nas escolas.

Na escola José Teófilo dos Santos observei que os alunos apresentam um certo desinteresse pela leitura e que o trabalho com a leitura é realizado apenas de forma seqüenciada. Identifiquei que os textos trabalhados, em sua maioria, são os dos livros didáticos. Os livros de literatura que vem para a escola ficam guardados e são sub - aproveitados, uma vez que há pouco trabalho de leitura desses textos. Percebi também que há ênfase no estudo da gramática de modo a limitar a leitura e a escrita de forma livre.

Diante deste problema identifiquei a necessidade de se trabalhar a leitura na sala de aula como forma de desenvolver o hábito e o gosto da leitura. Quem ler viaja em um mundo fascinante, do real ao imaginário, e ler uma obra literária é descobrir o mundo que se esconde atrás das palavras. A literatura cultiva a imaginação, estimula a inteligência e a memória.

O meu interesse através desse projeto foi identificar como os alunos compreendem os textos lidos e despertá-los quanto à importância que a literatura tem para tornar a aula uma diversão.

É necessário ensinar as crianças o gosto pela leitura deixando o espaço livre para que elas possam expressar seus sentimentos, tornando-se livres para usar a imaginação e a criatividade.

Por essa razão a minha pergunta de pesquisa foi: Como os alunos compreendem a Literatura trabalhada na escola?

O presente trabalho organiza-se da seguinte forma: um texto introdutório, no qual falo um pouco sobre literatura, apresento os objetivos, e o que me levou a escolher o tema. O *referencial teórico* aborda a visão de alguns autores sobre literatura sobre os quais o trabalho se baseia. Na *metodologia* apresento os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa. No tópico denominado: *A leitura dos alunos* apresento os resultados da pesquisa com os alunos do quinto ano do ensino do ensino fundamental. Um capítulo a parte trata da análise do estágio em que foi desenvolvido com os alunos na escola. E para concluir apresento as *considerações finais*.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esse trabalho sobre literatura na sala de aula tem como base os estudos de Zilberman (1994, p. 22), que defende que a literatura “sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente”.

Nessa visão a ficção através de sua linguagem simbólica transmite uma realidade ao leitor. Para Zilberman (1994, p. 24), “o que a ficção lhe sugere é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência, através de sua linguagem simbólica”. Compreende-se assim a importância da ficção para a ampliação de visão de mundo da criança.

A leitura de textos de ficção quando integrada à escola possibilita ao aluno criar sua própria identidade, seus próprios conceitos e ideologias através das reflexões e discussões dos textos. Segundo Zilberman (1994, p. 21), “tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem”.

A escola através dos professores transforma a realidade viva nas disciplinas, ou seja, os professores ao trazerem informações e discutirem contextos do cotidiano ou assuntos polêmicos que fazem parte da realidade do aluno transformam assim esses assuntos em conteúdos. A escola para Zilberman (1994, p. 22) “tem uma finalidade sintetizadora, transformando a realidade viva nas disciplinas ou áreas do conhecimento que são apresentadas ao estudante”. Percebe-se com isso a relação que existe entre a literatura e a escola, ambas mostram a realidade à criança procurando ensiná-las.

Através da literatura a criança poderá de algum modo relacionar as informações contidas no texto literário com o seu mundo real. Zilberman (1994, p. 24) afirma que “através do conto de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relatório de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades”.

Na literatura, o escritor mostra a realidade de forma fantasiada. “[...] No conto o homem passa a revelar experiência, preocupando-se com o fato sucedido e o seu conteúdo real. Assim como o mito representa o sobrenatural, a lenda, o fantástico, atribuídos como verdadeiros, o conto representa a verdade, que é fantasiada voluntariamente”. (CARVALHO, s/d, p. 19). Nesse sentido, a literatura

contribui na formação da criança, com suas experiências reveladas através dos contos e sua realidade fantasiada.

A literatura infantil para Antunes (2007, p. 28), “é um dos recursos mais encantadores no processo educacional”. Ela atrai a criança, transmite emoções e uma realidade fantasiada através de sua leitura encantando assim, a criança.

Para Zilberman (1994, p. 40), a literatura infantil “visa a uma interpretação da existência que conduza o ser humano a uma compreensão mais ampla e eficaz de seu universo”. Essa compreensão ampla e eficaz do universo é a compreensão do mundo e do ser que a literatura infantil abrange. Segundo Zilberman (1994, p. 25), “A literatura infantil [...] dá conta de uma tarefa a que está voltada a cultura – a de ‘conhecimento do mundo e do ser’”.

Essa literatura que conduz o ser humano a compreender o seu universo, também contribui para o desenvolvimento global da criança. Segundo Ferreira: et al (s/d, p. 1917), “[...] a literatura infantil contribui eficazmente para o desenvolvimento global da criança, despertando-lhe a sensibilidade, agindo sobre o imaginário e sobre o intelecto”.

A literatura retrata de alguma forma a realidade do leitor e trata de assuntos que tem significado para ele despertando no leitor o prazer de ler. Antunes (2007, p. 17), afirma que: “Na verdade, o prazer de ler se estabelece quando a relação livro/leitor adquire significado para sua vida, atende a seus interesses, [...]”. Compreende-se, com isso, que para despertar no aluno interesse pela leitura é preciso trabalhar com assuntos que têm significado para sua vida.

A leitura deve ser entendida e praticada de uma forma que, o que se lê esteja associado a uma postura crítica por parte do leitor. Antunes (2007, p. 42) considera que, “[...] A leitura verdadeira é quando a gente pensa sobre o que está lendo, e entende o que a leitura nos trás”. Compreende-se, que o leitor precisa atribuir sentido ao que está escrito e os versos contribuem para isso, porque eles promovem a percepção dos sons da língua ajudando a criança a identificar, no texto, as palavras conhecidas. Antunes (2007, p. 23), afirma que:

O trabalho com versos é muito importante, pois, de forma lúdica e prazerosa, promove uma percepção mais intensa dos sons da língua. Ao memorizar versos, trovas, quadrinhas, trava-línguas, poemas e cantigas, a criança pode realizar atividades de identificação no texto escrito daquelas palavras conhecidas oralmente.

O professor deve estimular a prática com a linguagem oferecendo aos seus alunos diferentes gêneros para serem lidos e analisados. Porto (2007, p. 58), diz que “[...] a prática com a linguagem, na sala de aula, deve ser estimuladora: textos de diferentes gêneros devem ser colocados à disposição dos alunos, para leitura e análise. [...]”

Para que o aluno leia com compreensão, o professor precisa contribuir nesse desenvolvimento proporcionando-lhes a familiaridade com gêneros textuais diversos e lendo para eles em voz alta. Batista: et al (2007, p. 44), destaca que:

Para contribuir com o desenvolvimento da capacidade dos alunos de ler com compreensão, é importante que o professor ou a professora lhes proporcione a familiaridade com gêneros textuais diversos (histórias, poemas, trovas canções, parlendas, cistas, agendas propagandas, notícias, cartazes receitas culinárias, instruções de jogos, regulamentos, lendo para eles em voz alta ou pedido-lhe leitura autônoma.

Quando é atribuído sentido a algo que está escrito significa que se está lendo. Seja um livro, um cartaz, um jornal, uma embalagem, ou um panfleto. “Ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito”. (JOLIBERT, 1994, p. 15). Ler é também uma necessidade básica do ser humano para viver numa cidade civilizada. Segundo Carvalho (1974, p. 19), “[...] Não basta ao homem cultivar o corpo, fazendo ginástica, se ele quer viver num meio civilizado. É-lhe necessário aprender a ler porque é a leitura o meio principal de que ele se servirá para aprender”. Nesse sentido, justifica-se a importância do homem aprender a ler e entender o que está lendo.

O professor deve falar ao aluno dessa importância que tem a leitura, oferecer-lhe oportunidade para ler muito, e que as leituras sejam de bons livros. De acordo com Fulgêncio (1998, p. 32) ‘[...] o caminho para chegar a ser um bom leitor consiste em ler muito’. O processo de formação de leitores depende da quantidade e da qualidade dos livros. Antunes (2007, p. 13) afirma que “Além da qualidade dos textos a formação de leitores depende de certa quantidade de leitura”.

Na maioria das vezes, o educando só é estimulado a participar de uma atividade de leitura de forma mecânica, não sendo estimulado a praticar a habilidade de leitura espontânea e prazerosa. O educador precisa ser um incentivador e desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir do seu próprio exemplo como leitor. Se o professor é um leitor efetivo a sua prática “contamina” os alunos de modo que estes se sentirão estimulados a ler e refletir sobre o que leem. Para Vieira (2007, p. 26),

[...] Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é você, professor (a), figura fundamental na história de cada um dos alunos. [...] Cabe a você o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de uma aproximação significativa com os livros. [...] para que haja êxito na formação do leitor precisamos efetivar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

É de grande importância o educador criar oportunidades para que o aluno adquira o hábito e o gosto de ler, deve deixá-lo também que leia o que quiser. Fontes (1989, p. 42) afirma que “[...] O aluno não deve ser obrigado a ler nada. Deve-se, antes, deixar que leia o que quiser e quando quiser, para que ele adquira o hábito e o gosto pela leitura”. A literatura infanto-juvenil desperta esse gosto pela leitura. Carvalho (s/d, p. 10) destaca que:

[...] a função primordial do estudo da literatura infanto-juvenil é conseguir despertar na criança e no adolescente o prazer da leitura, e iniciá-los na cultura, de modo atraente, para dar-lhes a devida formação.

Um bom professor deve despertar no aluno o gosto pela leitura e ensinar o aluno a compreender o que lê. Não há leitura quando não há compreensão de um texto. Carvalho (1974, p. 23), afirma que “[...] a COMPREENSÃO ou o ENTENDIMENTO são importantes para a leitura. Sem compreensão não há leitura”. Se o aluno não compreende o texto ele também não irá ser capaz de dá sua opinião, argumentar, ou seja, será inútil essa leitura.

Para que o aluno aprenda a fazer uma leitura útil, o professor precisa ensinar ao aluno compreender o que lê. E para isso é importante o aluno gostar de ler. Melo (2007, p. 19), afirma que:

Alfabetizar, ensinar a ler e a escrever corretamente, despertar o gosto pela leitura, incentivar futuros formadores de opinião... Um bom professor deve fazer tudo isso, deve ensinar o aluno a compreender o que lê e ser capaz de, ao atribuir sentidos aos textos, relacionar, argumentar, defender seu ponto de vista e ouvir o dos outros e mudar de idéias se necessário.

Nesse sentido, o bom professor é aquele que ensina ao aluno compreender, atribuir sentido e argumentar um texto.

A literatura infantil através do seu caráter lúdico educa a criança divertindo-a e informa o adulto. Como afirma Carvalho (s/d, p. 12),

[...] A literatura infantil tem dois sentidos, dirige-se à criança e informa o adulto. Consegue realizar, com seu caráter lúdico, recreativo, duas finalidades, destinando-se a duas mentalidades: à criança, divertindo-a e educando-a; ao adulto, agradando-lhe e informando.

Através do pensamento de Coelho (1989, p. 12), pode-se afirmar que a história além de educar e informar ela possui outras funções, porque ela “aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa”.

Considerando que a literatura informa e educa é possível afirmar também que ela comunica e amplia vários aspectos. Pensando assim, Carvalho (s/d, p. 90) afirma que:

[...] toda obra deve ter algo a nos comunicar, sobretudo a obra infanto-juvenil. É sabido também que a literatura é a maior arma para a crítica, quer de costumes, quer de caracteres etc., podendo compreender vários aspectos: social, político e tantos outros.

Contar e ouvir histórias é um exercício privilegiado de habilidades mentais e também hábitos que fascinam o ser humano. “Além de proporcionar experiência emocional e estética, o convívio com a literatura, tanto ouvindo histórias como lendo, constitui um exercício privilegiado de habilidades mentais e de familiaridade com as estruturas e possibilidades da língua escrita.” (ANTUNES, 2007, p. 28). Nessa mesma perspectiva Vieira (2007, p. 32), afirma que “[...] contar e ouvir histórias são hábitos que sempre fascinam o ser humano.”

A literatura é fonte de reflexão pessoal, de espírito crítico e torna o leitor diante do mundo um ser mais crítico. Segundo Held (1980, p. 234) “[...] A literatura fantástica e poética é antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigente e, pois, mais críticos diante do mundo”. Com isso percebe-se o quanto o campo da literatura é amplo. A literatura envolve toda atividade humana. Carvalho (1974, p. 20), afirma:

[...] nosso interesse é despertá-lo para a leitura em geral, para a literatura, porque o campo da literatura é imenso, e porque no campo da literatura você poderá encontrar tudo aquilo que lhe interessa pessoalmente e especificamente. Não há atividade humana que não seja abarcada e envolvida pela literatura.

Através do pensamento de Carvalho (1974, p. 20), pode-se então, entender a importância da leitura em geral e da literatura na formação de leitores reflexivos e críticos e o quanto é prazeroso trabalhar com a literatura na sala de aula.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Educação Especial Integrada Geny Ferreira, com 39 alunos e teve como objetivo identificar como a literatura é compreendida pelos alunos.

Teve um caráter qualitativo e exploratório, pois segundo Minayo (1997, p. 21), “a pesquisa qualitativa corresponde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. E segundo Gonsalves, (2003, p. 65), “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”.

Para a coleta de dados foi feito uma pesquisa de campo com o objetivo de identificar informações dos alunos. Gonsalves (2003, p. 67) afirma que esse é “o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada”.

O questionário foi utilizado como instrumento da coleta de dados. Para Gressler (1979, p. 54-55) ele “é constituído por uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa (...)” e “é normalmente o instrumento mais rápido para coletar dados”.

O questionário foi composto por questões objetivas e subjetivas com o objetivo de ter uma visão geral das opiniões dos alunos pesquisados.

O resultado da análise dos dados foi feita com base nos conhecimentos teóricos adquiridos.

#### 4. A LEITURA DOS ALUNOS

Nesta parte do trabalho apresento uma tentativa de análise acerca dos dados obtidos na pesquisa sobre a compreensão dos alunos referente à leitura de textos literários.

Ao perguntar aos alunos se os mesmos gostavam de ler, 7,7% responderam que lêem apenas quando é preciso. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 55), consta que: “É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando os alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede.” Assim, o professor deve oferecer aos alunos oportunidade para que eles leiam diversos textos.

Em relação à auto-avaliação de suas leituras, 20,5% responderam que lêem pouco e 10,3% lêem apenas o que a professora pede. Essas respostas indicam que os alunos lêem somente quando são solicitados ou quando necessitam responder tarefas. Sendo assim, não demonstram grande entusiasmo e intimidade com as palavras e como consequência leem para cumprir obrigações. Neste momento é de fundamental importância que o professor ajude ao aluno a desenvolver “habilidades linguísticas para que possa ir além da simples decodificação das palavras. É preciso levá-lo a captar *por que o escritor está dizendo o que o texto está dizendo*, ou seja, *ler as entrelinhas*. Pode-se fazer mais: proporcionar ao aluno experiências de leitura que o levem não só a assimilar o que o texto diz, mas também como e para quem diz. (Kato, 1990)”. Neste sentido o aluno estará adquirindo gosto pela leitura, pois estará encontrando sentido no que está lendo.

Ainda com relação ao gosto pela leitura 10,2 % dos alunos responderam que gostam de ler somente o que lhes interessa. Essa seleção feita pelos alunos indica que eles não lêem qualquer texto que encontram, mas apenas o que lhes agrada. Por isso o professor antes de fazer um rodízio de leitura é necessário que ele faça um levantamento para saber as preferências de seus alunos, para que na sala de aula num momento oportuno de leitura o professor facilite a procura dos livros. Segundo Antunes (2007, p. 18) “A sua orientação como professor deve ser limitada no momento da **leitura livre**. Interfira apenas quando for solicitado. No momento da escolha e da sugestão de livros, você pode investigar o interesse da criança e ajudá-la a encontrar o livro que mais lhe agrada”. (grifo do autor).

Já 7,7% dos pesquisados responderam que gostam de ler somente histórias. Se esses alunos só gostam de história é porque são esses textos que eles têm acesso ou porque talvez

desconheçam outros gêneros textuais o que fica na responsabilidade do professor despertar esse desejo nos alunos com entusiasmo. Vieira (2007, p. 31), afirma que “Dentre as várias formas de trabalhar com leitura em sala de aula, a apresentação oral de um texto lido é uma das maneiras mais simples e ao mesmo tempo mais eficientes de despertar o gosto pela leitura”.

Sobre essa mesma questão 12,8% responderam que leem, às vezes, pequenos textos. A resposta demonstra que os alunos preferem textos curtos, talvez pela falta de prática com textos mais complexos. Esses alunos ainda estão em fase de iniciação à leitura, e é nessa fase que deve haver incentivo dos professores e dos pais. Eles ainda não foram despertados para textos mais longos. De qualquer forma, o fato de lerem textos já constitui uma possibilidade deles entrarem no mundo da leitura. Antunes (2007, p. 24), afirma que “[...] Textos atrativos, curtos, simples, com vocabulário familiar ao universo da criança, com ilustrações atraentes, facilitam a inserção do novo leitor ao mundo da leitura”.

No que se refere à compreensão dos textos lidos, 2,6% dos alunos afirmaram que entendem os textos, às vezes, quando o texto é curto. Compreende-se assim, que esses alunos possuem uma leitura limitada, com poucas informações explícitas, por isso, não entendem os textos mais complexos. Carvalho (1974, p. 23), afirma que “[...] a COMPREENSÃO ou o ENTENDIMENTO são importantes para a leitura. Sem compreensão não há leitura”. (grifo do autor). Por isso, por não conseguirem compreender textos longos eles não gostam de lê-los. O professor deve ler textos diversos com seus alunos, discutí-los e interpretá-los juntamente com eles.

O mesmo acontece com 2,6% dos alunos que responderam que quando o texto é grande não entendem nada. Com isso, é possível perceber que existem muitos alunos que estão apenas decodificando as palavras e estão necessitando refletir mais sobre o que leem para poder compreender. O professor precisa ajudá-los nesse processo. Segundo Batista (2007, p. 44), “Para contribuir com o desenvolvimento da capacidade dos alunos de ler com compreensão, é importante que o professor ou a professora lhes proporcione a familiaridade com gêneros textuais diversos (histórias, poemas, trovas, canções, parlendas, cistas, agendas, propagandas, notícias, cartazes, receitas culinárias, instruções de jogos, regulamentos), [...]”. Só assim o aluno vai adquirindo aos poucos novos esquemas de leitura.

2,6% dos alunos, no momento da auto-avaliação relacionado, à sua leitura disseram que leem muito pouco. Esses alunos ainda não foram incentivados a esse processo de aprendizagem que é a leitura ou então não tiveram a oportunidade de ter acesso a diversos livros para ler.

Lacerda (2004, p. 64), “[...] há uma grande diferença na aprendizagem entre as crianças que têm acesso às histórias infantis e aquelas que não têm. [...]”.

Entretanto 61,5% responderam que gostam de ler qualquer livro que encontram. Também em relação à avaliação que eles fizeram de suas leituras 64,1% afirmaram que lêem bem. É possível concluir nestas respostas que, quando um aluno ler qualquer texto é porque gosta de ler e esse gostar remete à satisfação acerca do contato com textos. Essas respostas indicam que esses alunos já conhecem a importância que a leitura tem para a sua vida. Sabem que, através da leitura eles podem interagir com o mundo. Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 56), que “Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, [...]”.

Ao perguntar aos alunos se eles entendem tudo o que leem, 51,3% responderam sim. Comparando essa resposta com a anterior, podemos afirmar que tem pessoas que gostam de ler qualquer livro, porém não compreende os textos. É o caso dos 10,2% dos alunos pesquisados que estão precisando dar ênfase à compreensão e se esforçarem para compreenderem os textos. Segundo Alliende; Condemarin (1987, p. 26), “[...] durante as primeiras etapas da aprendizagem da leitura, a ênfase deve ser colocada na decodificação ou na compreensão, mas ninguém bota dúvida que, uma vez que se aprendeu a decodificar, todo o esforço posterior deve ser dirigido à compreensão”.

Na auto-avaliação que os alunos fizeram de suas leituras, nenhum deles afirmou ler com dificuldade. Esses alunos acham que ler é somente decifrar as letras, o que nos faz lembrar o que Martins (1994, p. 7) nos diz que “o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e o leitor visto como decodificador da letra [...]”.

35,9% afirmaram que entendem quase tudo que leem. O fato de responderem que compreendem quase tudo já demonstra que há falta de compreensão acerca dos textos lidos, ou seja, a compreensão é limitada. Não conseguem ler nas entrelinhas, mas só o que é superficial num texto.

Seguindo essa mesma direção, 7,6% dos alunos responderam que entendem pouco os textos que leem. Esses alunos não devem ter o hábito de ler, ou não possuem esquemas anteriores capazes de ajudá-los nas leituras seguintes. Os alunos que lêem com limitação não conseguem abstrair do texto informações importantes, pois não conseguem captar o sentido do texto. Ler não é uma tarefa fácil, exige tempo e concentração. Segundo Bencini (2006, p. 31), “Ler, todo mundo sabe, está longe de ser uma tarefa fácil. [...] Qualquer leitura exige o domínio da língua e suas

nuances, além de tempo e concentração, determinação e conhecimento sobre o tema (ou vontade para aprender e descobrir). [...]”.

Ao perguntar aos alunos se na sala de aula eles liam textos do livro didático, 12,8% responderam que estudam somente a gramática. Nessa resposta dois pontos são importantes: ou a atenção dos alunos é voltada para o conteúdo que é mais solicitado em sala de aula ou o livro didático não possui gramática contextualizada que possa ser trabalhada juntamente com o texto. Assim, a leitura e a produção de texto são afastadas do aluno. Lacerda (2004, p. 52), afirma que “[...] os conteúdos das histórias são interdisciplinares envolvendo diversas áreas do conhecimento, podendo, assim ser aproveitados para incluir outras disciplinas do currículo. [...]”, no caso a gramática contextualizada.

20,5% dos alunos afirmaram que todos os dias leem um texto do livro didático. Segundo Vieira (2007, p. 29), “[...] para formar leitores, é preciso que a prática de leitura seja freqüente, todos os dias, com horário diário e muita empolgação! [...]”. O que não faz sentido é o aluno ler apenas para responder atividades, pois essa é uma leitura superficial e mecânica. É o que acontece com 30,8 dos alunos pesquisados que responderam que leem para fazer atividades. Enquanto que 15,4% afirmaram que, somente às vezes, liam textos do livro didático na sala de aula. Nesse caso é que o que predomina é a falta de leitura em sala de aula.

20,5% responderam que leem apenas o conteúdo solicitado pela professora. Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 55), que “É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando os alunos que leia apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. [...]”. O professor deve oferecer aos alunos oportunidade para eles lerem diversos textos.

Na pergunta sobre a utilização de livros de literatura na sala de aula nos anos anteriores, 41% disseram que a professora lia com a turma e discutia os textos. As histórias infantis são um convite à discussão. Lacerda (2004, p. 35), afirma que “[...] ao passo em que são introduzidas as histórias infantis na sala de aula o aluno é convidado a discutir conteúdos importantes para a sua educação”.

Complementando a resposta anterior, 38,5% responderam que todos os livros de literatura eram lidos pela turma. Ao que parece a leitura dos livros de literatura é valorizada em sala de aula. A literatura tem grande importância na formação do leitor.

2,6% afirmaram que a escola possui livros de literatura, porém não são utilizados. A resposta indica que não é dada a devida importância aos livros de literatura, por isso a utilização é

mínima. De acordo com Coelho (1989, p. 35), é “Uma pena ver as prateleiras repletas de livros e as crianças indiferentes a eles, perdendo a oportunidade de enriquecer a infância. Precisamos despertar-lhes o desejo de ler, enquanto há tempo, [...]”.

12,8% dos alunos disseram que seus professores utilizam para leitura apenas o livro didático. Com isso, podemos afirmar que há uma prioridade ao livro didático. Os livros de literatura infanto-juvenil podem despertar maior interesse pela leitura, por isso devem fazer parte do mundo deles. Nesse caso, a leitura fica limitada aos livros didáticos. Martins (1994, p. 25), referindo-se ao livro didático afirma “Como, principalmente no contexto brasileiro a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e a escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados como manuais escolares”.

O livro didático quando utilizado apenas para estudar a gramática e ler textos, sem a discussão do teor do texto, e sem relacioná-lo com a realidade do aluno, não contribui para formação de um aluno crítico. Fontes (1989, p. 38), afirma que “[...] o livro didático pode manter o aluno ocupado e dar-lhe a sensação de estar trabalhando muito; [...] Pode, enfim, contribuir para a aquisição dos comportamentos de língua e pensamento através da imitação, mas, certamente, não garante uma leitura crítica e transformadora da realidade, [...]”.

Entretanto 5,1% afirmaram que não havia livros de literatura na escola. Segundo Lacerda (2004, p. 30), “O problema de aprendizagem reside, ainda na falta de estímulos ou condições necessárias, oferecidas pela escola, para que o educando possa desenvolver competências tanto na escrita quanto na leitura. Tais condições acreditamos, podem ser encontradas num trabalho realizado, a partir da utilização das histórias infantis, por exemplo”. Assim, quando a escola não oferece ao aluno a oportunidade de desenvolver o hábito da leitura as conseqüências são gravíssimas, pois, esses alunos sentem dificuldade em ler e como conseqüência o seu aprendizado é mais lento.

Ao questionar os alunos se os professores já haviam lido histórias infantis na sala de aula, 43,6% responderam que sim, muitas vezes. Isso quer dizer que esses professores realizavam atividades ou sessões de leitura das histórias infantis incentivando assim, esses alunos a lerem ao contar histórias. Lacerda (2004, p. 31), afirma que “[...] cabe ao professor incentivar a leitura, mostrando que ela pode ser um elemento importante na vida dos seus alunos. Para tanto, ele próprio precisa ser um leitor crítico, demonstrar paixão pela leitura e compartilhar isso com a turma. [...]”.

Para 38,5% dos alunos a leitura de histórias infantis em sala eram realizadas poucas vezes. Isso quer dizer que as atividades de leitura são raras, sendo dado pouco valor à leitura literária. Antunes (2007, p. 21), afirma que “[...] o tempo reservado à leitura durante o período escolar assegura que as crianças vão valorizar a leitura literária, pois você a está valorizando”. (grifo do autor).

15,4% disseram que seus professores leem em sala de aula apenas textos do livro didático. Se o professor através dos textos do livro didático instiga no aluno o desejo de buscar outras leituras ele está fazendo um trabalho importante, pois existe, no livro didático uma diversidade de gêneros textuais. Segundo Guedes-Pinto; et al (2007, p. 29), “[...] o texto didático pode e deve ser levado para as aulas de Língua Portuguesa para ser lido, interpretado e analisado como um dos muitos gêneros textuais”.

Um percentual pequeno, porém, significativo de alunos, ou seja, 2,6% afirmaram que seus professores não leem em sala de aula. Para Antunes (2007, p. 14), “[...] todos os professores, principalmente os de séries iniciais, devem investir esforços para se tomarem em contadores de histórias”.

Ao indagar se os alunos quando não estão estudando português e sim as outras disciplinas, lêem textos, 51,2% afirmaram que o professor sempre é quem lê para a turma. Antunes (2007, p. 10), diz que “[...] Tanto a leitura feita pelos pais, pela família, quanto a feita pelo professor, é muito importante e fortalecerá o desenvolvimento da linguagem e as noções sobre a língua escrita que serão muito valiosas no processo de alfabetização.”

25,6% afirmaram que os professores de outras disciplinas sempre pedem que eles leiam o texto e depois o professor explica. Quando o aluno ler outros textos de outras disciplinas há uma integração de novos conhecimentos, além de uma prática de linguagem diferenciada, pois, o aluno aprende a ler, lendo. Segundo Antunes (2007, p. 10), “Quanto mais expressivamente leiamos, muito melhor”.

Mas, já 15,4% dos alunos disseram que sempre lêem com os colegas e o professor. Percebe-se que esse professor dá importância à leitura, por isso, ao explicar o assunto da sua disciplina ler o texto com os alunos. Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 61), que “A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas lingüísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. Trata-se, portanto, de uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores. [...]”.

7,7% dos alunos responderam que os professores lêem apenas partes do texto quando vão corrigir os exercícios. Neste sentido, podemos dizer que os textos servem apenas como complemento para explicar os exercícios.

Nenhum aluno respondeu que os professores das outras disciplinas não se preocupam em ler o texto do livro. Isso quer dizer que os professores dos alunos pesquisados compreendem a importância que tem a prática da leitura. Fontes (1989, p. 5), afirma que “É sempre bom lembrar que a prática de leitura de textos, assim compreendida, deve fazer parte de todas as disciplinas, que compõem o currículo escolar. [...]”.

Ao indagar sobre como as leituras dos textos são realizadas na sala de aula, 5,1% responderam que as leituras são realizadas individualmente. A utilização desta estratégia é uma forma de considerar o progresso dos alunos.

7,7% disseram que a leitura é realizada coletivamente. A leitura coletiva é uma maneira de o professor instigar no aluno o desejo de ler o texto depois.

17,9% responderam que a leitura era realizada por parágrafos. A leitura por parágrafo ainda que importante, corre o risco de limitar a compreensão total do texto. Segundo Bencini (2006, p. 35), “[...] Se o objetivo é formar leitores autônomos, capazes de estudar sozinhos, é fundamental que os alunos compartilhem a leitura e se ajudem nas tarefas [...]”.

20,5% responderam que realizam a leitura silenciosamente. A leitura silenciosa contribui para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois, segundo Allende; Condemarin (1987, p. 15), “[...] Ao ler, criam-se imagens internas, estimuladoras do pensamento e da criatividade; estas imagens são criadas a partir das próprias experiências e necessidades. [...]”.

48,7% responderam que alternam, ou seja, iniciam a leitura silenciosa e depois leem em voz alta. Uma leitura silenciosa faz com que o aluno entre em contato com o texto fazendo com que ele se sinta mais seguro no momento de ler em voz alta, e a professora possa observar até que ponto esse aluno conseguiu relacionar os sinais gráficos com a linguagem. Para Teberosky (2003, p. 72), “A leitura em voz alta permite associar os signos gráficos com a linguagem, a linguagem com os tipos de textos, os gêneros e os suportes materiais sobre os quais são apresentados. [...]”.

Ao perguntar quais textos do livro didático eles gostavam de ler, 31,6% afirmaram que gostavam das fábulas. Através das fábulas as crianças aprendem determinadas regras postas pela sociedade. Segundo Bortone; Bartone-Ricardo (2007, p. 35), “[...] toda fábula, passa ao leitor um ensinamento, uma moral”. Nessa mesma perspectiva, Lacerda (2004, p. 58) afirma que “A fábula também representa uma narrativa curta, cujas personalidades costumam ser animais, que

representam tipos humanos. [...] Este é outro texto muito querido pelas crianças, que ficam encantadas com a mágica que permite a participação ativa, dos animais; o que não acontece na vida real. [...]”. A leitura de fábulas motiva as crianças, pois elas se deparam com animais representando tipos humanos e ampliam a imaginação deles.

23,7% disseram que gostam de textos poéticos. A poesia é importante porque além de despertar a sensibilidade, desperta a criatividade, pois no decorrer da leitura o leitor vai criando imagens do texto. E é fácil de aprender por causa da musicalidade. Segundo Luyten (1992, p. 7), “[...] as sociedades humanas, quando são iletradas, tem como único recurso a memória [...]. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagem em forma poética. O ritmo das frases, as partes finais ou iniciais semelhantes facilitam tremendamente a memorização [...]”.

23,7% gostam de textos narrativos. O texto narrativo além de prender a atenção do leitor, desenvolve a imaginação. Lacerda (2004, p. 58), afirma que “A lenda, também utilizada como recurso metodológico, representa um tipo de texto pautado nos efeitos da imaginação popular. Geralmente, narra um fato histórico considerado como folclórico e é caracterizado pelo fato de não raro sua veracidade se perder no decorrer do tempo. É freqüente também nesse tipo de texto encontrarmos mensagens educativas, [...]”.

15,8% responderam que gostam de textos informativos. Compreende-se com isso, que esses alunos possuem um vocabulário ampliado e capacidade de interpretar textos. Segundo Santana; Balestri (2005, p. 5), “Além de fornecer novas informações e ampliar o vocabulário dos estudantes, a leitura de textos informativos desenvolve a capacidade de interpretar textos”.

5,3% dos alunos gostam de contos. Esses alunos devem ter contato com texto dessa natureza, o que aumenta o vocabulário. Para Teberoski (2003, p. 74), “A leitura de contos é uma fonte de aprendizagem de vocabulário”. Os contos também, além de enriquecer o vocabulário das crianças estimulam a imaginação. Lacerda (2004, p. 34-35), afirma que:

[...] Durante a leitura, vamos saciando o desejo de conhecer melhor os ‘mistérios’ que envolvem a existência do conto. E, nessa perspectiva, somos seduzidos pela incrível forma como ele, o próprio conto, demonstra preocupação em responder as inúmeras dúvidas que atormentam nossos antepassados sobre determinados fatos, como por exemplo, **por que é que às vezes a lua desaparece?** Isto, com certeza, estimula muito a imaginação das crianças. (grifo do autor).

Referindo-se ao incentivo da leitura pelos pais, 23,1% dos alunos responderam que seus pais gostam de ler. Neste sentido, esses alunos antes de chegarem na escola, já conhecem a

importância da leitura através de seus pais. Segundo Melo (2008, p. 17), “[...] o despertar do gosto pela leitura não é função apenas da escola, mas também dos pais. [...]”.

41% afirmaram que os pais dizem sempre que eles precisam ler muito. Aqui é possível perceber a importância que os pais dão à leitura. Quando os pais se importam com o que o filho lê, o filho terá mais chance de se desenvolver intelectualmente.

33,3% dos alunos disseram que os pais só dizem para fazer as tarefas e estudar para as provas. Aqui os pais não estão preocupados com a verdadeira aprendizagem do aluno, mas com sua promoção, ou seja, a obtenção de notas.

Porém, 2,6% dos alunos afirmaram que os pais não têm costume de ler em casa. Sendo assim, os professores serão os únicos exemplos de leitores para esses alunos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 55), “[...] quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leituras e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. [...]”.

A literatura de cordel é uma literatura popular narrada em versos. Atualmente ela é pouco conhecida, principalmente pelas crianças. Isso porque, algumas escolas ou a maioria, não tem dado importância ao trabalho em sala de aula com a diversidade de textos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 124) “É importante que o aluno possa ter acesso a textos diversos, pois cada um tem estrutura e finalidade próprias. [...]”.

Ao indagar os alunos se eles já haviam lido esse tipo de literatura, 61,5% afirmaram que nem conhecem. Isso quer dizer que mais da metade dos alunos pesquisados nunca tiveram contato com essa literatura. Ribeiro (1987, p. 92), afirma que essa literatura “mal possui um nome: é qualificada de literatura popular. Nome que advém da própria impossibilidade de nomeá-la, literatura da grande maioria, nome que já diz que ela é mal conhecida, mal amada, inominável.”

15,4% dos alunos leram somente alguns. Isto se deve ao fato de não haver divulgação da importante literatura de cordel, mesmo no Nordeste que é berço desse gênero literário.

12,8% dos alunos já ouviram falar, mas nunca leram. Antigamente esse tipo de literatura era muito fácil de ser encontrada, pois, havia poetas populares por toda parte. Hoje, quase não se ouve falar em poetas que escrevem cordéis, pois pertencem a uma camada popular, por isso pouco divulgada. Segundo Ribeiro (1987, p. 92), “A literatura popular é formada pelas obras –

anônimas ou não – criadas nas camadas menos cultas da população, gente muitas vezes analfabeta [...]”.

7,69% responderam já leram várias vezes. Esses alunos que leram várias vezes cordel significa dizer que em seu meio ainda cultivava este tipo de leitura.

2,6% já leram, mas poucas vezes. Esta leitura limitada do cordel deve-se ao fato da dificuldade de acesso a esse tipo de literatura, mas também do desconhecimento dos professores ou da escola que não valoriza essa literatura.

Em relação às questões subjetivas, ao questionar se eles já leram livros de literatura, 74,4% afirmaram que sim. O que é possível perceber é que esses alunos terão uma probabilidade maior de se desenvolverem mais rápido intelectualmente. Lacerda (2004, p. 31), afirma que “[...] a literatura é um dos recursos capazes de levar os indivíduos à reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos do homem e nada melhor para isso do que introduzir essa literatura já na infância, levando-a para a sala de aula [...]”.

Enquanto que 25,6% responderam que nunca leram livros de literatura, conseqüentemente seu desenvolvimento no ato de ler será mais lento.

Dos alunos pesquisados 10,3% deles não lêem nenhum tipo de texto fora os da escola. Esse fato pode ser uma das causas do fracasso escolar, pois para eles a leitura não faz sentido. Fontes (1989, p. 9), afirma que “A falta de hábito de leitura tem sido apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, em conseqüência, do seu fracasso enquanto cidadão”.

Esses alunos devem estar incluídos nos 25,6% que afirmaram que na casa deles não existiam livros fora os que eles estavam estudando no momento. Isso mostra que esses alunos só têm contato com o livro didático recebido pela escola e os da escola. Segundo Vieira (2007, p. 21), “[...] para muitos alunos a escola é o ambiente em que eles mais terão contato com materiais e ambientes de leitura”.

5,1% dos alunos pesquisados afirmaram ler muitos livros fora os da escola e 74,4% afirmaram que na casa deles existiam livros fora os que eles estavam estudando no momento. Podemos então perceber que hoje as pessoas têm um acesso maior aos livros, mesmo na escola pública, enquanto que antigamente só a elite tinha condições de comprá-los.

Ao perguntar aos alunos se em suas casas outras pessoas lêem, 20,5% responderam que não lêem nada. Neste sentido, o hábito de leitura não está inserido no seu cotidiano, ficando a escola encarregada de mostrar o sentido da leitura para esses alunos. Segundo Bencini (2006, p. 31), entre os brasileiros de 15 a 64 anos... 61% têm pouco ou nenhum contato com os livros e

47% possuem no máximo dez livros em casa. Há muitos alunos que não convivem com leitores em casa, e a presença deles é muito importante. Lajolo (2003, p. 14), afirma que “[...] encontraremos na vida de cada leitor, quando criança, um adulto afetivamente próximo a ele que era emocional e intelectualmente ligado aos livros”.

23,1% responderam que lêem livros, mas não especificaram, 15,4% disseram que lêem histórias e 10,3% lêem revistas, 7,7% lêem jornais. Segundo Bencini (2006, p. 37), “Essa prática aproxima os pequenos do mundo cotidiano – distante das metáforas e ‘viagens’ da literatura – e ajuda a formar leitores assíduos e interessados pelos fatos reais [...]”.

## 5. ANÁLISE DO ESTÁGIO

A idéia de fazer esse texto é para registrar minha experiência do estágio que foi realizado no Centro de Educação Especial Integrada Geny Ferreira, escola filantrópica localizada na cidade de Sousa. Esta escola é muito procurada pelas pessoas com necessidades especiais. No estágio foram trabalhados conteúdos das disciplinas: *Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História*.

Em *Língua Portuguesa* a prioridade era a leitura. Os textos tratavam da realidade dos alunos. A ortografia e a gramática eram trabalhadas a partir dos textos.

Os textos eram lidos, discutidos, interpretados e produzidos pelos alunos. A leitura dos conteúdos todos os dias era feita pelos alunos. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 60), consta que: “O trabalho com leitura deve ser diário”.

Nos primeiros dias do estágio eu estava muito preocupada em dar conteúdos. Mesmo o professor me deixando à vontade para trabalhar com os alunos, estava me sentindo como uma professora substituta que tinha de fazer do jeito do professor.

Logo percebi que tinha que fazer diferente e comecei a contar histórias todos os dias. Contava a história e pedia que os alunos falassem o que haviam entendido e o que tinham aprendido com a história. Depois colocava uma música que falava da moral da história. Eles liam, ilustravam a história e produziam texto criando outra história a partir daquela. Os alunos também contaram histórias, atividade que gostaram bastante. Coelho (1989, p. 12), afirma que:

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.

Os gêneros literários utilizados durante o estágio foram: fábulas, mitos, parlendas, travas-línguas, trovas, agendas, propagandas, receitas culinária, receitas faz-de-conta e, literatura de cordel. Alguns foram trabalhados com mais ênfase e outros não. Se houvesse mais tempo durante o estágio teria trabalhado melhor. Antunes (2007, p. 23),

afirma que “É importante variar as estratégias para provocar sempre um interesse renovado, pois **todos os dias você deve trabalhar com a literatura**”. (grifo do autor).

Os alunos pesquisaram notícias atuais de jornais, revistas e da internet e trouxeram alguns gêneros literários e apresentaram para a turma. O trabalho foi feito em grupo e bastante proveitoso. Segundo Bencini (2006, p. 37), “[...] Só lendo o jornal de verdade, o estudante será capaz de entender a linguagem rápida e concisa – acompanhada de símbolos, gráficos, fotografias e ilustrações – do texto da imprensa”.

Em *Matemática* os alunos realizaram atividades a partir de situações da realidade deles, como, por exemplo, fazer compras. Eles compravam mercadorias e faziam o cálculo no quadro. Houve grande empenho dos muitos alunos, eles participaram ativamente durante as aulas.

Os conteúdos de *Ciências, Geografia e História* eram lidos pelos alunos discutidos e interpretados. Durante as aulas dessas disciplinas, entre outras atividades, os alunos assistiram filme, fizeram várias pesquisas e produziram textos.

Grande parte dos alunos por não gostarem de ler, como foi visto na pesquisa, apresentaram dificuldades nas atividades como produção de textos e que exigiam habilidades de leitura. Eram tarefas que eles não executavam satisfatoriamente. Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 53), que:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, [...]. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a construção de modelos: como escrever.

A dificuldade dos alunos escreverem era porque a leitura deles era limitada. Na perspectiva de motivá-los à prática de leitura e escrita dei ênfase a essas atividades durante o estágio e trabalhei com vários textos. “Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever”. (BRASIL, 2001, p. 65). E trabalhar com textos que tratam da realidade dos alunos podem tornar essas atividades mais significativas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a maioria dos alunos tem pouco envolvimento com literatura infanto-juvenil e o livro didático é o principal veículo através do qual os alunos leem.

O contato dos alunos com gêneros textuais diversos é mínimo. Eles afirmam conhecer poucos gêneros textuais, entre eles a literatura de cordel. O hábito de ler por prazer é ainda um desafio para os alunos. Metade da turma afirmou que lê apenas nas aulas de Português.

Os alunos preferem ler textos curtos por apresentarem limitações sobre a compreensão dos textos lidos e a literatura é pouco trabalhada na escola.

Por ocasião do Estágio Curricular do Curso de Pedagogia foi elaborado um projeto de ação, a partir do resultado da pesquisa para ser desenvolvido com vista a trabalhar os diversos gêneros literários com os alunos dando ênfase a literatura de cordel.

## 7. REFERÊNCIAS

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1994.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio da Literatura Infantil**. São Paulo: Ibep, s/d.

ANTUNES, Walda de Andrade (coord.); colaboração de GARCEZ, Lucília Helene do Carmo. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil** – São Paulo: Global, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: brasiliense, 1994. 18ª edição.

CARVALHO, José Augusto. **Aprendendo a ler**. Vitória – Espírito Santo: Brasília editora S/A, 1974. Volume 2.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Volume I.

FULGÊNCIO, Lúcia & LIBERATO, Iara. **Como facilitar a leitura**. (Repensando a Língua Portuguesa). Ed. Contexto. 3. ed. São Paulo. 1998.

FONTES, Martins. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989 – (Coleção texto e linguagem).

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Atica, 1989.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980. 3ª edição.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** – Brasília: MEC, 2001. 3 ed.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; VIEIRA, Adriana Silene; GUEDES-PINTO, Ana Lúcia [et al.] **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/ Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem** – ed. rev. e amp. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 364p.

LACERDA, Ester da Silva. **As contribuições das histórias infantis para superar dificuldades da aprendizagem de leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Cajazeiras: Gráfica Pontual, 2004. 79p.

ALLIENDE G., Felipe; CONDEMARIN G., Mabel. trad. [de] ABREU, José Cláudio de Almeida. **Leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 239p.

BENCINI, Roberta. **Todas as leituras**. Revista nova escola. Agosto/2006

TEBEROSKY, Ana. **Ensinar a Escever de Forma construtivista**. In: BÁRBARA, Elena. **O construtivismo na prática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: editora brasiliense, 1992.

SANTANA, Érika; BALESTRI, Rodrigo. **Ciências, 4ª Série: manual do professor**. São Paulo: Escala Educacional, 2005. 1. ed.

MELO, Patrícia. **O que lemos e escrevemos?** In: Revista aprendizagem. Ano 2 n 9- Novembro/ Dezembro 2008.

RIBEIRO, Leda Tamega. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: Funarte, 1987.

LAJOLO, Marisa. **Leitura: você faz a diferença.** In: Revista Nova escola. Ano XVIII. N 168. Dezembro de 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 3ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

Os dados coletados nos remetem à compreensão de que professores valorizam as práticas sociais de escrita, a aprendizagem lúdica e a interação do aluno com os colegas, apresentando dessa forma contribuições e reflexões sobre algumas dimensões pertinentes ao processo de ensino nas séries fundamentais como: oralidade, escrita, leitura e avaliação.

Portanto, a redefinição da leitura e escrita através dos portadores sociais de textos, visa numa perspectiva de transformação, a formação de uma sociedade mais competente, tendo como finalidade, uma geração habituada a ler, com ampla participação social, demonstrando a força da palavra quando se tem leitura de conhecimento.

## CAPÍTULO VI

### REFLETINDO SOBRE OS SABERES E DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA COM OS PORTADORES SOCIAIS DE TEXTOS

Apresento a seguir a análise do estágio realizado na turma de 1ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nivaldo Gomes de Sá, Aparecida-PB.

O desenvolvimento das atividades aqui selecionadas segue uma linha evolutiva na descrição dos saberes das crianças, levando em consideração as articulações entre os eixos de uso da língua (leitura e escrita) e as reflexões a respeito do conhecimento lingüísticos dos alunos.

No nosso primeiro encontro trabalhamos a fábula "A Cigarra e a Formiga" de Ruth Rocha, a qual mostra através das situações vividas pelos personagens, as vivências dos alunos na escola e no meio social, a mesma foi abordada com texto ilustrativo, dramatização, produção textual, reescritura e ilustração. As atividades aqui mencionadas foram desenvolvidas em dois dias, a partir da contextualização do material ficou evidenciado o interesse e a participação de todos os alunos, contribuindo para o enriquecimento coletivo, no que se refere à forma de tratamento e respeito entre os colegas, e no pessoal, reforçando os valores através das reflexões feita acerca dos depoimentos pessoais de cada aluno.

Podemos destacar que o momento da dramatização foi representado de acordo com a versão original da história, sendo interessante, em especial quando a aluna que

representou a formiga trabalhando, agachava-se como se estivesse carregando um grande fardo, em um outro momento foi realizada a produção coletiva do texto, os relatores acrescentaram novos fatos à história. Segundo Ana Teberosky (1992, p. 46), *a memorização e relato de histórias faz parte das atividades da linguagem escrita dentro de um projeto de renovação pedagógica ao qual nos referimos com frequência.*

A produção de texto é um dos aspectos primordiais para que a criança entenda a base alfabética da língua, pois a mesma reforça o valor da escrita, a partir do momento em que a criança reflete, interpreta e cria hipóteses para a construção do seu próprio texto. Desta forma ela percebe que a língua escrita não são apenas palavras ou frases soltas, mas, que a língua é constituída através de estruturas narrativas plenas de significados. De acordo com as reflexões de TEBEROSKY (1992, p.46), *a condição de escutar, memorizar e depois “fazer de conta que lê”, assim como escutar memorizar e depois relatar, escrever ou ditar são mais freqüentes na escola do que na vida não-escolar.*

Esta atividade foi concluída no terceiro dia com outro texto relacionado ao primeiro, sendo este representado por ilustrações. O mesmo continha duas versões finais, possibilitando ao aluno refletir e participar como leitor-autor.

Ao continuarmos aplicando as atividades selecionadas para o estágio optamos pela “História em Quadrinhos” de Eva Funari. Esse portador de texto possibilita a reflexão e construção de hipóteses em relação à escrita. Segundo FREIRE, (2002, p.11), a

*criança aprende a ler através do contexto pessoal, lendo observando, refletindo mesmo sem possuir a menor noção das letras.*

A criança entra em contato com a língua escrita informalmente, seja pelo uso dos familiares no dia-a-dia, seja pela observação dos caracteres presente nos jornais, revistas, supermercado, farmácia, etc., ou seja, ela consegue entender as mensagens analisando alguma figura desenhada ou mesmo pela análise e explicação.

Primeiramente suscitamos diversas possibilidades para a personagem da história, tais como: O que ela viu? Por que ela se assustou? Se fosse você, o que faria? ... A solicitação desses registros tem como pré-requisito um trabalho de preparação do aluno feito por intermédio de conversas coletivas ou relatos de experiências pessoais.

Os alunos participaram da atividade dando sugestões sobre os nomes dos personagens e suas ações, no decorrer da história demonstrando que, mesmo não tendo domínio da escrita, fazem uso da oralidade através de sua imaginação e criatividade. Quando indagados sobre a atividade proposta, todos responderam que foi ótima, concluindo que foi bom participar da história escolhendo o que vai acontecer e o seu final.

Com a finalidade de garantir a aprendizagem da leitura e escrita dos alunos, bem como despertar seu interesse a partir de diferentes tipos de estruturas narrativas, buscamos através do conto de fadas "O Patinho Feio", reforçar que o imaginário

popular promove reflexões sobre os conflitos e atitudes humanas. Segundo CAGLIARI (1995, p.174), *a escola deve, acompanhar a evolução do mundo guardiã da tradição, do equilíbrio entre as duas coisas, nascem as verdadeiras formações que devem dar a seus alunos.*

Nesta perspectiva, a escola tida como a grande responsável pela construção do saber sistematizado do aluno, tem a função de desenvolver um processo de aprendizagem significativa, ajustando o ensino aos ritmos individuais, porém conscientizando os alunos de suas ações ou omissões o que representa mudanças na sociedade.

Diante deste contexto a atividade selecionada proporcionou a construção constante de suposições em relação ao texto, dando oportunidade para a criança entender a escrita convencional, logo, que a mesma for solicitada a participar dos acontecimentos no desenrolar da história. Após a leitura do texto foi realizada a discussão levantando questões tais como: A opinião dos alunos sobre o texto; a idéia principal (lição); e o que acharam das ações dos personagens. Em seguida foi proposta a reescritura e ilustração do texto. Eles demonstraram boa receptividade ao estudo, participando, dando depoimentos, relacionando a história a fatos de sua vivência em sociedade e na escola. Uma das ações que marcou tanto as ilustrações como a produção coletiva foi o comportamento da mãe, e a dos animais quando avistavam o patinho, ou seja, a proteção e a discriminação, fatos estes que permeiam a nossa vida e que essa atividade contribuiu para minimizar o preconceito na sala de aula.

Ainda com interesse em selecionarmos atividades relacionadas à temática, esta que nos remete a uma nova reflexão sobre o processo de aquisição da leitura e escrita, percebemos que, um dos meios de comunicação de massa que exerce grande influência sobre os nossos alunos é a televisão, daí a escolha do vídeo: Dumbo.

Para darmos continuidade ao nosso estudo, primeiramente abordamos aspectos peculiares à vida em sociedade, para logo em seguida questionarmos as cenas do filme, interagindo com as experiências e reflexões dos alunos, esse processo foi realizado através da oralidade e escrita. Os alunos participaram relatando situações por eles vividas em sala de aula semelhantes a do filme. Neste momento fora aplicado também um questionário com perguntas pertinentes ao filme, tais como; O que fez os corvos ao conhecerem Dumbo? Ao final da história Dumbo se mostrou um vencedor, de que forma ele conseguiu vencer o preconceito? Constatamos com as respostas dadas que a atividade contribuiu para despertar o senso-crítico dos alunos desenvolvendo a formulação de conceitos.

Dando continuidade ao estágio optamos por trabalhar o poema "Aula de Leitura" de Ricardo Azevedo, que propõe mostrar que não lemos apenas palavras, mas, fatos, acontecimentos, expressões etc. E que os textos são diferentes em suas estruturas e finalidades, destacando que, o modo como os poemas são organizados, (versos, estrofes e rimas), seu tema e sua leitura, contribuem para entendermos seu sentido.

Uma das crianças destacou que é verdade o que o texto diz, porque tem um cachorro perto de sua casa e ela sabe quando ele está bravo ou quando não gosta da pessoa, só que ela não sabia que lia isto, um outro aluno disse: "se isto é ler, eu

já sei ler e é muito”. Tomando os depoimentos dos alunos percebemos que o ponto de partida para a aprendizagem está em conciliar à exploração dos conhecimentos lingüísticos dos alunos com a leitura e compreensão dos textos.

Em um outro encontro trabalhamos com uma poesia do livro paradidático “Quem tem medo do quê?”, este mostra o medo como algo comum, e que todos têm, a partir de sua contextualização, foi solicitado a cada criança em uma roda de conversa que falasse um pouco do seu medo e motivo de tê-lo. A maioria das crianças não sabia explicar dizendo: “há sei lá, tenho medo e pronto”. Foi proposta também uma leitura seqüenciada, e cada aluno teve a oportunidade de interpretar e formular sua opinião sobre os medos apontados na poesia. Os alunos identificaram-se bastante com a poesia, logo que a cada estrofe relacionava ao seu medo ou ao do colega, e diante das justificativas dada pelo autor analisavam e concluíam que seu medo era sem sentido.

Segundo MARTINS (1994, p.07), *o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador de letra*. Por muito tempo entendeu-se como leitura apenas a compreensão de textos escritos da palavra. Atualmente temos uma compreensão mais ampla do conceito de leitura, e para minimizar o conceito já ultrapassado optamos por trabalhar os símbolos (Logomarcas), suas funções e significados, através de leituras, pesquisa, trabalho em grupo, confecção de novos símbolos e placas, destacando a importância de conhecermos os símbolos utilizados na organização do trânsito e a necessidade de respeitá-los.

O momento da execução das atividades foi bastante interativo, logo que, ao se deparar com alguma dificuldade, os mesmos buscavam ajuda aos colegas, no jogo de identificação o interesse e a memorização dos alunos comprovaram que o estudo realizado através da ludicidade, amplia e facilita as possibilidades de aprendizagem.

Dando continuidade aos encontros, trabalhamos os “Rótulos”, oferecendo subsídios para a ampliação do vocabulário, ressaltando que, ao se ler um rótulo exercemos o direito de consumidor, ao sabermos o que estamos consumindo. Propomos atividades com diversos rótulos encontrados em nossa casa, separando-os e classificando-os de acordo com as suas finalidades, confeccionando cartazes, jogo da memória e dominós. Dando ênfase as precauções e composições que os mesmos trazem, desenvolvendo assim outras formas de leitura. De acordo com WEISZ (2001, p.23)

(...) no momento em que o professor entende que o aprendiz sempre sabe alguma coisa e pode usar esse conhecimento para seguir aprendendo, ele se dá conta de que a pura intuição não é o suficiente para guiar seu trabalho”.

Os nossos primeiros contatos com o mundo se dão desde o nascimento, passamos a compreendê-lo a partir da interação e da leitura que fazemos dele. Esses são os primeiros passos para aprender a ler, ou seja, o ato de ler vai além da escrita, o aprendizado da leitura se desenvolve através da convivência com os outros e da nossa relação com o mundo.

Os alunos fizeram uso dos conhecimentos adquiridos no seu cotidiano, para identificar e selecionar os produtos de forma imediata. Logo após sua apresentação, os mesmos, demonstraram dificuldades quanto ao que vinha impresso no rótulo tais

como: ingredientes e composição. Esta proposta foi apoiada pelos pais, que ao adquirirem esses conhecimentos disseram agora procurar a ler nem que fosse apenas à validade dos produtos.

Um outro tipo de proposta desenvolvida em nosso estágio foi a de alguns textos epistolares, tais como: bilhetes, cartões e convites, viabilizando dessa forma uma discussão sobre os diversos usos da linguagem oral. Primeiramente confeccionamos uma caixinha de correio, nela depositávamos todos os dias às correspondências, estas que seriam entregues por um carteiro eleito pelos alunos. Essa proposta foi aceita com grande entusiasmo, os alunos aproveitaram para mandar seus recadinhos para os colegas de outras turmas, apenas alguns pais não abraçaram a idéia, dizendo não agüentar as despesas com cadernos. Os alunos tinham o direito de socializar suas correspondências, e quando o fazia, possibilitava a intervenção do professor e dos colegas para a identificação do tipo de texto e suas funções.

Concluímos o nosso estudo, com a semana folclórica, na qual iniciamos com o texto informativo: Nosso Folclore: Origem da Palavra, para logo em seguida trabalhamos, as lendas, comidas típicas, adivinhas, parlendas, músicas e danças. A cada item acima mencionado trabalhamos com atividades diferenciadas tais como: ilustração, pintura, produção textual, caça-palavras e confecção de mural. Através desse estudo buscamos despertar e resgatar o sentimento de emoção, entusiasmo e de amor pelas coisas dos nossos ancestrais, buscamos ainda fazer com que os alunos compreendam que precisamos do passado para entendermos o futuro, e cabe a eles preservar o patrimônio cultural e histórico do país. Diz WEISZ: (2001, p.61), o

*conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe.*

As atividades transcorreram numa relação de troca, consistindo na assimilação de conhecimentos e experiências. Os alunos indicaram claramente através de suas colaborações, participação e emissão de hipóteses, que os critérios adotados para a aquisição do conhecimento foram significativos, logo que progrediram nesse pouco tempo de estudo mais do que nos meses anteriores. A culminância do projeto foi enriquecedora, onde os alunos demonstraram através da criatividade manifestações do nosso folclore.

No decorrer do estudo, tive a oportunidade de observar o desenvolvimento e progresso da turma em relação à leitura e escrita. Aprendi junto aos alunos, a me redescobrir, avaliei a minha prática ao analisar a forma de como os alunos se sobressaiam a cada nova proposta de estudo. Concluindo que é preciso construir e reconstruir o cotidiano do aluno, de modo a transformar não apenas a aprendizagem isolada do aluno, mas também a escolar, para que esta se torne um ambiente prazeroso dentro das expectativas dos alunos e de suas famílias.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A presente discussão partiu de uma metodologia condizente com a concepção dos Portadores de textos para o ensino da leitura e escrita. Pretendemos mostrar que não devemos nos limitar a questões puramente lingüísticas, pois as mesmas de forma isolada não nos tornam verdadeiros leitores.

Partindo dessa premissa, salientamos que o professor pode dar ênfase ao domínio oral e escrito da língua, e não apenas ao domínio de um saber gramatical encerrado em si mesmo.

Nesse sentido, opõe-se criticamente à pedagogia tradicional, desenvolvendo no aluno a capacidade de escrever e falar, percebendo que os textos formam um todo significativo, sejam eles produtos da atividade oral ou escrita, e, que os textos são organizados dentro de determinado gênero, compartilham características composicionais comuns, no que diz respeito à sua função comunicativa, ao seu estilo, à sua estrutura composicional e lingüística.

A partir desse trabalho foi possível apresentar outras estratégias de leitura que valorize as práticas sociais da escrita, a aprendizagem lúdica e a interação dos alunos com seus colegas, buscando dessa forma, desenvolver as competências dos alunos como leitores e produtores através dos diversos gêneros de textos.

O objetivo desse trabalho foi, portanto, esclarecer algumas opiniões acerca da melhor forma de se trabalhar a produção escrita com os alunos, abordando o texto

como o principal mediador desse processo, selecionando-o e adequando-o a turma de acordo com as características que os mesmo possuem. De um modo geral, os textos são autênticos, servem como referência para a elaboração das atividades destinadas à apropriação da escrita, apresenta diversidade de gêneros, oferecendo ao professor, condições para o desenvolvimento de um trabalho adequado, quanto à construção do conhecimento do aluno no processo de aprendizagem.

Quanto à seleção textual, destacamos a diversidade de gêneros que exploram segmentos sonoros da linguagem, tais como: textos informativos, instrucionais, não-verbais, narrativos, epistolares, humorísticos e literários.

Diante de tantos pressupostos apresentados, concluímos que a leitura e a escrita é pensada como um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua e sobre o sistema de escrita.

É imprescindível que a leitura não seja condicionada apenas ao ambiente escolar. Devemos ler para nos informar e manter-se informado, para estudar e até mesmo para saber como agir em determinadas situações. Partindo desse princípio a leitura passa a funcionar no plano das perspectivas educacionais como a porta de entrada do indivíduo ao universo conhecimento e conseqüentemente do domínio em vários aspectos: educacional, político, econômico e social.

Todo este processo de aprendizagem serviu para refletirmos sobre as ações desenvolvidas na escola em sala de aula relativas à aprendizagem dos alunos. A

trajetória desenvolvida neste trabalho possibilitou muitos questionamentos e reflexões, mas, sobretudo, a possibilidade de reunir conhecimentos, análise e reflexões sobre as dificuldades de leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Antonio Gonçalves Gomes et al. **Capacidades lingüísticas da alfabetização e a avaliação**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006 . 100p. (Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 01)

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: s.n.,1995.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias (Orgs). **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura: Língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. 43 ed. São Paulo, Cortez, 2002.

IÓRIO, Ana Dias. **Ensino da Linguagem no Currículo**. Fortaleza, CE; Brasil: Tropical, 2001.

KLEIMAN, Ângela – **Oficina de Leitura: Teória e Prática**. 6 ed. Campinas-SP: Pontes, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a Ler e a Escrever: Uma Proposta Construtiva**. Porto Alegre: Artmed,1992.

WEISZ, Telma; SANCHER, Ana. **O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem**. 2 ed. São Paulo-Ática, 2001.

## APÊNDICE

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO

Caro Professor,

Solicitamos a você que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo monográfico sobre os Portadores Sociais de Textos, aplicados nas salas de aula como requisito indispensável para a disciplina de Estágio em Docência do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras (PB).

Ressaltamos que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos, e serão mantidas em absoluto sigilo. Esperamos contar com sua colaboração.

Atenciosamente,  
Ana Maria de Moraes Queiroga  
Aluna do curso de Pedagogia

### QUESTIONÁRIO

1 – De que forma você trabalha a leitura e a escrita em sala de aula?

---



---



---

2 – Quais das estratégias didáticas abaixo você utiliza em sala de aula?

- a) ( ) Cantinho da leitura – gibis, livros de histórias infantis, jornais...  
b) ( ) Cantinho dos jogos – caça-palavras, palavras cruzadas...  
c) ( ) Projetos

3 – Assinale o método utilizado em sua prática educacional:

- Método Sintético**  
(das partes para o todo)  
( ) Alfabético ou soletração  
( ) Fônico  
( ) Silábico  
( ) Palavração

- Método Analítico**  
(do texto para as partes)  
( ) Sentenciação  
( ) Global ou de contos

4 – Que práticas você considera mais importantes para o trabalho de alfabetizadores?

- a)  Linguagem oral
- b)  Escrita
- c)  Produção textual
- d)  Conhecimentos lingüísticos
- e)  Todas as alternativas

5 – A seqüência pedagógica proposta nos livros didáticos é a mesma seguida em sala de aula?

Sim

Não

Justifique sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 – Que importância tem os Portadores Sociais de Texto para o ensino da leitura e escrita?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7 – Em que momento você utiliza o livro didático em sua prática pedagógica?

- Todos os dias
- Só utilizo o livro didático
- Três vezes por semana
- Todo dia, interligando-o com outras atividades
- Nunca utilizo

8 – Você utiliza os Portadores Sociais de Texto em sala de aula?

Sim

Não

Quais \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9 – Como você avalia a aquisição da leitura e escrita em sua sala de aula?

- Ruim
- Excelente
- Boa
- Indiferente

Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_